

"O mais desprezado dos sítios, África, é o que acaba por guardar vida": a subversão de estereótipos e da figura do inimigo em *O quase fim do mundo*, de Pepetela

Karol Sousa Bernardes¹

Resumo: O livro *O quase fim do mundo* (2008), de Pepetela, apresenta a tentativa de extermínio da vida na Terra por meio de um projeto arquitetado por um grupo que se considerava como brancos “puros”, e aqueles que não se enquadravam nessa categoria de pureza eram vistos como uma ameaça para o desenvolvimento da humanidade. Entretanto, o plano não tem o resultado esperado, e os únicos sobreviventes são, em sua maioria, africanos. Com base nisso, o objetivo deste trabalho é analisar de que forma a obra de Pepetela subverte a noção de uma “raça pura” e de superioridade do Ocidente, que resgata concepções colonialistas e imperialistas. Somado a isso, busca-se investigar a construção de estereótipos sobre o continente africano e seus povos como inferiores e primitivos, e como a narrativa analisada os desconstrói. Propõe-se explorar, também, a construção do africano como inimigo, ou seja, o “não-semelhante”, cuja comunicação não é possível ou desejável, e como esse processo se relaciona ao poder e à soberania. Para as análises, consideram-se os trabalhos de Leila Leite Hernandez (2005), Stuart Hall (2016), Achille Mbembe (2017, 2018), Ribeiro (2013), dentre outros.

Palavras-chave: África. Estereótipo. Inimigo.

Introdução

A obra *O quase fim do mundo* (2008), do escritor angolano Pepetela, inicia-se com a narração do médico Simba Ukolo,

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (subárea: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). É graduada em Letras Português- Inglês e suas Literaturas pela Universidade Federal de Lavras. Desenvolve pesquisas na área de Literatura Portuguesa e seus temas de interesse são: fronteiras culturais, deslocamento, memória, trauma e testemunho.

personagem que diz ter sobrevivido ao fim do mundo, ou seja, ao aniquilamento quase completo da humanidade. A partir desse ponto, acompanhamos a sua trajetória desde o momento em que se encontrou sozinho ao chegar à sua casa após o trabalho. Ao contrário do que Ukolo a princípio presumira, havia outros onze sobreviventes, introduzidos aos poucos na narrativa, que possuem características singulares nessa pequena comunidade formada após o desaparecimento em massa das pessoas. São personagens complexos, com suas individualidades e visões de mundo, e que narram sobre o quase fim da humanidade, concedendo diferentes perspectivas acerca do acontecido. Os doze se encontravam no único lugar em que restaram sobreviventes, uma cidade fictícia na África, compreendida entre as regiões Central, Oriental e Austral, denominada Calpe², em que a língua falada era o suaíli, de matriz africana.

O motivo desse extermínio em massa só será revelado ao final do livro, quando os personagens vão até Berlim e descobrem uma carta deixada por uma das pessoas que planejou esse ataque. O projeto consistia na criação de uma arma chamada “Feixe Gama Alfa”, cujo objetivo era “purificar” a Europa, eliminando todas as raças consideradas “impuras”, como africanos, árabes, judeus e também mestiços. O grupo que arquitetou o projeto almejava uma humanidade composta apenas por brancos “puros”. Mesmo que o grupo que não se insere nessa categoria de pureza seja mais amplo e extenso, as nossas análises terão como foco, sobretudo, a África e seus povos, visto que a narrativa de Pepetela neles se baseia. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar como a obra subverte e questiona essa formulação de superioridade da raça branca “pura”, sobretudo com base em uma perspectiva ocidental que recupera noções colonialistas e imperialistas. Este trabalho também visa a explorar a construção de estereótipos acerca

2 Calpe é um nome que aparece em outras obras de Pepetela. Como indica Donizeth Santos (2011), surge no primeiro romance do autor, “Muana Puó” (1969), e depois em “O cão e os caluandas” (1985) e em “Parábola do cágado velho” (1996). A autora ainda indica que, em uma entrevista concedida a Michel Laban, Pepetela afirma que “Calpe é a cidade do sonho e da utopia”.

da África e de sua população e como esses são desconstruídos em *O quase fim do mundo*. Objetivamos analisar ainda a construção do africano como o inimigo e como isso se associa às relações de poder e de soberania.

(Des)construção do olhar imperial e a constituição de novos sentidos

Para a tentativa de aniquilamento quase completo da humanidade, em *O quase fim do mundo*, algumas pessoas ao redor do mundo foram selecionadas para ativar o Feixe e desaparecer no processo, e essas seriam as classificadas como “impuras”. Já o grupo que arquitetou o projeto e mais dez mil pessoas – entre homens e mulheres igualmente “puros”, que não sabiam do plano – iriam permanecer em uma gruta revestida de amianto, que, de acordo com estudos realizados, iria protegê-los do alcance da arma. No entanto, isso não ocorre e eles também desaparecem, restando sobreviventes apenas em uma cidade fictícia da África, Calpe.

Dez mil foi considerado um número suficiente para o reinício. Por isso se deu a esta operação o nome de código Noé, quase óbvio. Estaremos protegidos não só pela Fé na Coroa Sagrada, mas também porque todas as paredes da gruta estão revestidas por amianto. Descobrimos nos Estados Unidos que um ser vivo envolvido em amianto é invulnerável ao Feixe. [...]. Na escolha dos dez mil teve-se em conta o equilíbrio dos sexos, das idades e, sobretudo, as competências, juntando alguns dos melhores especialistas nas áreas de ciências de ponta e artífices e camponeses habilitados nos seus mesteres para que nada falte depois da Operação Noé. (PEPETELA, 2019, p. 316-317)

O discurso que baseia o plano de extermínio retoma uma noção de

pureza imperialista, que estabelecia uma separação e um distanciamento dos brancos, principalmente europeus, em relação às outras raças. Leila Leite Hernandez (2005, p. 17-18) discute sobre um “olhar imperial” gerado pelo saber ocidental, que é composto por meio da construção de uma “consciência planetária”, baseada em visões de mundo tendenciosas e limitadas em estereótipos, na qual não se considera, por exemplo, a complexidade da África e suas dinâmicas culturais próprias. A autora expõe que as escrituras sobre esse continente, sobretudo entre os séculos XIX e XX, retratam “equivocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente” (HERNANDEZ, 2005, p. 18).

Como aponta Hall (1997) em *O espetáculo do “outro”*, os africanos eram considerados como descendentes do personagem bíblico Cam, que foi amaldiçoado, tal como seu o filho, Canaã, “a ser perpetuamente ‘servo dos servos a seus irmãos’. Identificados com a natureza, simbolizavam o ‘primitivo’ em contraste com o ‘mundo civilizado’” (HALL, 2016, p. 162). Essas concepções equivocadas e reduzidas sobre o continente africano e seus povos geram um apagamento das suas especificidades, ao mesmo tempo em que criam uma perspectiva estereotipada dos africanos e afetam diversos âmbitos, como o seu deslocamento para outros países, como é representado na narrativa de *Pepetela*.

Hernandez (2005, p. 18) problematiza que os africanos “são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra”. Por conseguinte, o termo africano passa a ter um significado específico, “negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo” (HERNANDEZ, 2005, p. 15). Esses aspectos estão presentes na base do projeto de extermínio das raças

julgadas como “impuras” na obra de Pepetela. Uma das pessoas que o arquitetou escreve na carta deixada em Berlim:

O meu nome pouco interessa, apenas o fato de ser físico, cidadão dos Estados Unidos, de origem europeia. [...]. Sou pois um dos inventores do “Feixe Gama Alfa”, a mais limpa arma de todos os tempos. [...]. Fui recrutado primeiro pela FNE, que quer dizer Frente Nacionalista Europeia, a qual procurava implantar-se nos Estados Unidos. Do que sei das suas origens, provém de movimentos da Grã-Bretanha e da França, os quais se propunham purificar a Europa dos lixos árabes, judeus, ciganos e africanos que cada vez mais *contaminam as populações brancas*. O primeiro objetivo era impedir a imigração de gente dessas *raças inferiores* para os países europeus. Como todos sabemos, cada vez há menos brancos puros, existindo mesmo no sul da Europa alguns denominados brancos que são mestiços de muitas matrizes, razão do seu fraco desenvolvimento humano. (PEPETELA, 2019, p. 312-313, grifos do autor)

Nesse trecho, há diversos elementos que se relacionam ao exposto por Hernandez. O primeiro deles é o fato de o escritor da carta ser de origem europeia, o que remete ao “olhar imperial” do Ocidente sobre o mundo. Na Europa é onde estão os brancos “puros”, tendo essa noção de superioridade em relação aos outros espaços. Isso também se relaciona ao segundo ponto, a “purificação” do continente europeu, em relação ao que o autor da carta caracteriza como “lixo”, que “contamina” as populações brancas, reafirmando o lugar de inferioridade a que esses povos não brancos “puros” são submetidos. De modo semelhante, os mestiços são subjugados a essa posição, possuindo, como observamos no trecho da obra, um “fraco desenvolvimento humano”.

A visão essencializada sobre os africanos, e os negros de uma forma geral, é perpetuada na sociedade desde o período da colonização e do

imperialismo. Stuart Hall (2016), ao traçar uma trajetória de análise de imagens presentes na cultura popular e na mídia, problematiza, dentre outros tópicos, os estereótipos raciais. A discussão parte do questionamento: “os repertórios da representação em torno da ‘diferença’ e da ‘alteridade’ mudaram ou as características anteriores permanecem intactas na sociedade contemporânea?” (HALL, 2016, p. 140). Hall aborda a forma binária de representação entre “nós” e “eles”, destacando ser composta por meio de extremos opostos e polarizados.

No caso da narrativa de Pepetela, essa oposição é levada ao extremo, ao ponto de um pequeno grupo, que se considerava superior, tentar exterminar os que não se encaixavam nesse estrato de “pureza”. Essas concepções de inferioridade e de primitivismo, ainda conforme Hall (2016, p. 169), tendiam a se dividir em dois temas centrais. O primeiro se refere ao “*status* subordinado e [à] ‘preguiça inata’ dos negros – ‘naturalmente’ nascidos e aptos apenas para a servidão, mas, ao mesmo tempo, teimosamente indispostos a trabalhar de forma apropriada à sua natureza e rentável para seus senhores”. Já em relação ao segundo, Hall expõe que “era o inato ‘primitivismo’, a simplicidade e a falta de cultura, que os tornava geneticamente incapazes de ‘refinamentos civilizados’” (HALL, 2016, p. 170), reforçando, mais uma vez, o lugar de subordinação a que o negro era submetido.

Para os brancos considerados “puros”, em *O quase fim do mundo*, a solução para essa natureza tão primitiva e inferior dos negros, e também de todos os que não se encaixavam na categoria de “pureza” da raça branca, era o aniquilamento: “devemos eliminar tudo o que seja espúrio, que traga ao espírito do humano os cromossomas da ignomínia, do vício, da preguiça e da estupidez” (PEPETELA, 2019, p. 313-314). O grupo por trás do projeto acreditava estar fazendo um grande favor à sociedade, de modo que o projeto seria um “processo de salvamento da nossa raça em perigo irreversível de contaminação genética” (PEPETELA, 2019, p. 315). Hall, ao

explorar as definições de estereótipos, explica que:

[...] *se apossam* das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é *reduzido* a esses traços que são, depois, *exagerados* e *simplificados*. [...]. Então, o primeiro ponto é que *a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”*. Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de “*cisão*”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou *expele* tudo o que não cabe, o que é diferente. (HALL, 2016, p. 191)

A simplificação e a redução feitas pelas pessoas que arquitetaram o projeto as levam a considerar todos os não brancos “puros” como um grande grupo inferior, que prejudicava o avanço da humanidade e que deveria ser aniquilado, havendo essa cisão exposta por Hall. Essa redução apaga as especificidades dos diferentes povos que compõem os continentes, o passado e a história que possuem. Outro aspecto explorado pelo sociólogo acerca da estereotipagem é que ela “*tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder*. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com [Richard] Dyer, é o *etnocentrismo*” (HALL, 2016, p. 192). Hall acrescenta que esse poder não se refere somente à exploração econômica e à coerção física, mas se relaciona também a representações simbólicas e culturais mais amplas, que partem de um “determinado ‘regime de representação’” (HALL, 2016, p. 193) baseado, em muitos casos, em estereótipos.

Mesmo sendo contestados ao longo do tempo, Hall ainda ressalta que eles não desapareceram por completo na sociedade, o que responde à pergunta inicial feita pelo autor sobre as representações referentes à diferença, isto é, se mudaram na sociedade contemporânea ou se permanecem intactas. Em *O quase fim do mundo*, a tentativa de extermínio

surge da concepção etnocêntrica de superioridade da raça branca “pura”, enxergando esse outro como inferior e atrasado, tendo-se, com isso, uma representação essencializada dele.

Sei estar incumbido da missão de redenção da raça branca, raça tão vilipendiada através do século XX, como a culpada de todos os males. As grandes guerras foram imputadas aos interesses brancos, até mesmo as Cruzadas contra os árabes apareciam como empresas criminosas, a colonização dos povos arcaicos e selvagens do chamado Terceiro Mundo é apresentada como obra de facínoras e alguns espíritos puros que tentem defender racionalmente os valores brancos são acusados de racismo, xenofobia, até mesmo ódio ao Homem. Como se o verdadeiro Homem não fosse branco! Trabalhamos para defender esse Homem verdadeiro, forte, empreendedor, que criou a Civilização. (PEPETELA, 2019, p. 313)

O escritor da carta reforça a superioridade da raça branca, apontando-a como a única “verdadeira”, detentora dessa “civilização”, além de contestar seu papel negativo nos processos de colonização. Achille Mbembe (2017, p. 103) aborda que “[...] o Ocidente nunca pensou verdadeiramente a sua própria finitude. Sempre colocou como inevitável e absoluto o seu horizonte de acção, e este horizonte sempre se quis, por definição, planetário e universal”. *O quase fim do mundo* subverte esse regime racializado e essencializado de representação e essa superioridade do Ocidente, na figura da Europa e da raça branca “pura”. Mesmo havendo a tentativa de aniquilamento dos “não puros”, os personagens sobreviventes são heterogêneos e, em sua maioria, africanos, com exceção da americana Janet.

Como aponta Hall, o significado não pode ser fixado, novos sentidos são construídos, e outras perspectivas são apresentadas. Mesmo havendo muitas representações na contemporaneidade que perpetuam visões

estereotipadas sobre o negro, e sobre os africanos mais especificamente, há produções que invertem essa lógica trazendo outros sentidos e, também, contestações. A obra de Pepetela se enquadra nessa segunda categoria, uma vez que pode ser entendida como um meio de se questionar, por intermédio da representação, a superioridade de um pequeno grupo em relação ao restante da humanidade – “o mais desprezado dos sítios, África, é o que acaba por guardar vida” (PEPETELA, 2019, p. 321).

A estereotipagem, conforme Hall (2016, p. 192), também pode ser caracterizada pela prática de fechamento e de exclusão, fixando limites e excluindo o que (e quem) não se encaixa neles. O sociólogo explicita que há a definição de uma fronteira simbólica entre o que “pertence” e o que não pertence, o “aceitável” e o “inaceitável”, de forma que a estereotipagem “facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade imaginária’; e envia para o exílio simbólico todos Eles, ‘os Outros’, que são de alguma forma diferentes, ‘que estão fora dos limites.’” (HALL, 2016, p. 192). No caso da obra de Pepetela, há essa noção de “comunidade imaginária” em relação ao grupo que arquitetou o projeto, e o exílio ultrapassa o nível simbólico, visto que houve a tentativa real de extermínio.

Essas fronteiras também se relacionam à figura do estrangeiro e do refugiado na sociedade contemporânea, principalmente em relação à recepção que recebem em países europeus, e que a obra de Pepetela também problematiza e representa. Na narrativa, há a trajetória dos personagens após o Feixe Gama Alfa ter sido ativado e, nesse processo, eles se deslocam para cidades próximas a Calpe em busca, sobretudo, de alimentos. Em determinado momento, ao descobrirem que um dos personagens, Jan Dippenaar, sabia pilotar aviões, veem uma oportunidade de visitarem outros países e decidem ir para a Europa, com exceção da religiosa dona Geny, do pescador e do curandeiro Riek, que permanecem em Calpe. Quando chegam, Joseph Kiboro, que antes do extermínio era

um ladrão, diz:

Irônico – disse Kiboro. – Durante anos fizeram tudo para impedir que entrássemos. Era difícil arranjar um visto, cada vez mais perguntas e provas disto e daquilo, revistas de bagagem e de todos os orifícios do corpo. Não falo por mim, nunca tentei. Os meus amigos contavam, muitos queriam vir, alguns para passear, outros procurar trabalho. Impediam-nos por todos os meios e muitos morreram no mar. Também muitas vezes tratavam mal mesmo os que estavam legais a viver aqui. *A democrática Europa criou uma fortaleza que queria à prova de qualquer entrada...* (PEPETELA, 2019, p. 292-293, grifos do autor)

Donatella Di Cesare (2020, p. 150) evidencia que a Europa “organizou-se para se proteger conforme os critérios da lógica policial: drones, helicópteros, navios de guerra, soldados, forças de ordem, agentes, *intelligence*, [...] – a fortaleza se entrincheirou”, como observamos na fala de Kiboro sobre a dificuldade de se entrar no continente europeu. A obra de Pepetela contrapõe essas fronteiras ao colocar esses personagens africanos e a americana Janet como os únicos na Europa. Um deles também diz:

Comemoremos então a vitória sobre o medo europeu. Temiam que os poluíssemos, talvez sujar-lhes o DNA, fazer filhos escuros enquanto eles eram cada vez mais renitentes em fazê-los, claros ou escuros que fossem. Afinal, eles estão não sei onde e somos nós que viemos repovoar a Europa. Estranho! Merece de fato ser comemorado... (PEPETELA, 2019, p. 293)

Há, novamente, essa retomada do medo de contaminação e de “sujeira”, mas, nesse trecho, a referência não é somente em relação aos brancos que se julgavam “puros”, mas também à Europa de uma forma geral. Isso se relaciona ao que Di Cesare (2020) aponta, de que a hostilidade se instalou na Europa como um vício, negando asilo e hospitalidade aos

imigrantes. De acordo com a filósofa, são vistos como uma ameaça ao Estado soberano e “com a intenção de vigiar as próprias fronteiras, cuidar do território, controlar a população, os Estados-nação é que discriminam, marcam a barreira entre os cidadãos e os estrangeiros” (DI CESARE, 2020, p. 27), estabelecendo, constantemente, fronteiras em torno dos imigrantes. Essas marcações instituídas também têm como base os estereótipos, já explorados anteriormente, enxergando esse outro por meio de uma perspectiva negativa, alguém que deve ser afastado.

Após a ativação do Feixe Gama Alfa, os personagens poderiam percorrer a Europa livremente, e até mesmo dividirem os países entre si, caso quisessem, uma vez que eram os únicos sobreviventes: “Se quisermos podemos dividir. Eu fico com Moscou, tu ficas com Berlim, a Ísis com Paris e Jan com Amsterdã, Julius com Londres, etc. Ou podemos dividir os países. Ou até os continentes” (PEPETELA, 2019, p. 334). Nessa conversa entre os personagens, as perspectivas da colonização e do imperialismo se invertem. Na Conferência de Berlim, que ocorreu entre 1884 e 1885, países europeus definiram a divisão e a ocupação do continente africano entre si. Segundo Hernandez (2005), na Ata Geral desse encontro, assinada em 23 de fevereiro de 1885, constava, dentre outras questões, os principais objetivos da conferência. Estes eram “assegurar as vantagens de livre navegação e livre comércio sobre os dois principais rios africanos que desaguam no Atlântico, quais sejam o Níger e o Congo” (HERNANDEZ, 2005, p. 62) e ainda “regulamentar as novas ocupações de territórios africanos, em particular da costa ocidental do continente” (HERNANDEZ, 2005, p. 62).

A narrativa de Pepetela retoma esse momento histórico, subvertendo-o, visto que são os africanos que estão discutindo a possibilidade de divisão dos países europeus e sua ocupação. No entanto, mesmo tendo essa escolha, a princípio, a maioria dos personagens opta por permanecer juntos: “Acho que devíamos viver juntos no mesmo sítio, sobreviveremos mais facilmente. Foi o que andámos a fazer este tempo

todo, a encontrar-nos, a juntar-nos.” (PEPETELA, 2019, p. 334-335). Ísis, uma historiadora somali, por outro lado, decide continuar na Europa. Ela estava grávida de Riek, que permaneceu em Calpe, e Joseph Kiboro decide ficar com ela:

Atravessando o mar no avião pilotado por Jude, Simba Ukolo pensou na ironia do destino. A Europa, que tinha mandado tanto bandido, reconhecido ou não como tal, para colonizar África, ia agora ser povoada, se tudo corresse bem, pelos descendentes de um ladrão africano. [...]. Os de fora iam povoar o espaço. (PEPETELA, 2019, p. 345)

Hall (2016, p. 189), ao analisar as representações dos negros em filmes norte-americanos e o quanto elas estão mudando com o tempo, aborda que “[...] a questão da representação em si tornou-se uma arena crítica de contestação e luta”, possibilitando a produção de novos significados. Com base nessa perspectiva, a inversão de estereótipos, como afirma Hall (2016), é uma contraestratégia em relação às representações essencializadas e racistas, visto que subverte esses processos. Mesmo sendo contextos diferentes, uma vez que Pepetela se insere no espaço angolano, a obra *O quase fim do mundo* também pode ser entendida como um meio de contestação e de luta, uma contraestratégia, em relação à visão estereotipada acerca dos africanos, e também às fronteiras físicas, sociais e simbólicas que são instituídas a respeito deles.

A figura do inimigo e as noções de poder

O trabalho de separação e de distanciamento no que se refere a esse “outro”, que é julgado como diferente e inferior, também se relaciona à construção do “inimigo”. Em *O quase fim do mundo*, o grupo que se considerava como brancos “puros” enxergava os não brancos “puros” como

uma ameaça de, por exemplo, contaminação genética e, por isso, deveriam ser aniquilados. Como indica António Sousa Ribeiro (2013), a violência pode ser apreendida como um processo, uma vez que “não é simplesmente a irrupção imprevisível do inarticulado ou do ‘irracional’, não é um elemento apenas de anomalia antissocial, mas, pelo contrário, de estruturação social” (RIBEIRO, 2013, p. 8). O ato de extermínio pode ser considerado como o extremo dessa violência, que se relaciona à sucessão de representações e de violências as quais foram sendo construídas e intensificadas ao longo do tempo.

Essa construção do “outro” como inimigo e a tentativa de exterminá-lo já estavam presentes no período da colonização, como evidencia Achille Mbembe (2017, p. 76): “Convém dizer que o desejo de *apartheid* e especificamente a fantasia de extermínio não são propriamente novos e foram-se metamorfoseando ao longo da história, em particular nas antigas colónias de povoamento.” O autor parte da perspectiva norte-americana, em que havia a distinção entre colônias de povoamento e de exploração. A primeira, segundo Mbembe, era entendida como uma extensão da nação, já a segunda “era apenas uma maneira de enriquecer a metrópole através de um comércio assimétrico, desigual, sem nenhum investimento no peso do terreno” (MBEMBE, 2017, p. 25) e na qual a inserção de europeus era provisória, ao contrário das colônias de povoamento. Mesmo não havendo essa diferenciação em muitas colônias em África, é possível identificar, nos processos de colonização, esse desejo de *apartheid*, também presente no livro de Pepetela, bem como a fantasia de extermínio.

Umberto Eco (2011) expõe que o “inimigo” é aquele diferente de nós, que possui costumes que não são os nossos, e é essa diferença que se apresenta como indicativa de um caráter ameaçador. Conforme Mbembe (2017, p. 82), a figura do inimigo “remete para um antagonismo supremo. No seu corpo e na sua carne, é aquele a quem se pode provocar a morte física, porque ele nega, de modo existencial, o nosso ser”. Com base nessas

concepções, é possível estabelecer relações entre a construção da figura do inimigo e as caracterizações de poder e de soberania.

Mbembe (2017) evidencia que a época favorece a luta contra o inimigo, bem como a hostilidade, os movimentos de ódio e a separação. Esses aspectos apenas mudaram de forma na sociedade contemporânea, visto que, conforme o filósofo, dentre os séculos XVI e XIX, o repovoamento do mundo era acompanhado de “inúmeras atrocidades e carnificinas, de experiências inéditas de ‘limpeza étnica’, de expulsões, transferências e reagrupamentos de populações inteiras e campos e, até, de genocídios.” (MBEMBE, 2017, p. 77). No contexto colonial,

[...] o trabalho permanente de separação – e portanto de diferenciação – era em parte consequência da angústia de aniquilação que o colono vivia. Numericamente inferior, mas dotado de fortes meios de destruição, vivia do medo de estar cercado, por todos os lados, por maus objectos que ameaçavam a sua sobrevivência e punham a sua vida constantemente em causa – os indígenas, os animais selvagens, os répteis, os micróbios, os mosquitos, a natureza, o clima, as doenças e até os feiticeiros. (MBEMBE, 2017, p. 78)

Essa perspectiva assolava os que arquitetaram o projeto de extermínio na narrativa de Pepetela, visto que eram um grupo muito reduzido, se comparado ao número de pessoas que compõem o mundo, e consideravam estar sob ameaça constante. Como afirma José Pureza (2013), os países periféricos, como muitos dos africanos, já não são considerados com base em suas paisagens exóticas ou vistos como territórios em desenvolvimento, mas sim como espaços de perigo: “o perigo dos fluxos migratórios descontrolados, o perigo das pandemias incontrolláveis, o perigo do terrorismo incontrolado, enfim, o perigo de uma turbulência contagiante e destruturadora.” (PUREZA, 2013, p. 204).

Ademais, conforme Mbembe (2017, p. 77-78), no período colonial, havia a separação entre os “corpos vivos” e os “corpos-coisa”, estabelecendo, dessa forma, um trabalho constante de separação. Os primeiros se referem àqueles que seriam uma espécie de “tecido e ponto zero de orientação do mundo” e os segundos seriam os “outros”, de quem se deve manter distância e não manter relações de envolvimento. Esse quadro de separação polarizado entre “nós” e “eles” está presente em *O quase fim do mundo*. O grupo que criou o Feixe Gama Alfa se via como a verdadeira versão de pureza da humanidade, eram os “corpos vivos”. Já os que não se enquadravam nessa categoria eram os “corpos-coisa”. Estes podem ser exemplificados, sobretudo, por aqueles que foram selecionados para ativar as armas: “Claro que os dedos que as detonarem também desaparecerão. Por isso não nos incomodamos nada pelo fato de esses dedos serem negros, árabes ou ciganos, tudo dedos condenados a desaparecer” (PEPETELA, 2019, p. 315). Essas pessoas eram vistas como descartáveis pelo grupo, como “coisas”.

Se na época da colonização, de acordo com Mbembe (2017), havia a divisão entre escravos e senhores, nas democracias liberais, há a separação entre os semelhantes e os não-semelhantes, entre os aliados da civilização e os inimigos dela, e a violência bruta contra estes se faz lei. Mbembe (2017) ainda ressalta que há, no espírito contemporâneo, o ódio em relação a esses não-semelhantes, como se representassem um perigo de contágio do qual seriam os transmissores, sendo necessário neutralizá-los. Na obra de Pepetela, os não brancos “puros” eram vistos como uma ameaça permanente, como sujeitos que corroboravam uma “era vergonhosa de crime e vício” (PEPETELA, 2019, p. 318). Mbembe indica que se cria a figura do inimigo e se impõe a ele a destruição e a aniquilação total, uma vez que “são inimigos com os quais a comunicação não é possível ou desejável. Estão fora da humanidade, e nenhum acordo como eles é exequível.” (MBEMBE, 2017, p. 104). Assim também pensava o grupo de

brancos “puros”, que queriam um distanciamento em relação aos que não se encaixavam nesse estrato de pureza e o seu desaparecimento. Entretanto, são os “não-semelhantes” que sobrevivem.

A construção do inimigo se relaciona às noções de poder e de soberania. Mbembe (2018, p. 5) pressupõe que “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer.” Para essa discussão, o filósofo se baseia nas formulações de Michel Foucault sobre biopoder, que seria o “domínio da vida sobre o qual o poder estabelece o controle” (MBEMBE, 2018, p. 5-6), funcionando por meio da divisão entre aqueles que devem viver e os que devem morrer. Essa cisão se associa ao poder, que é definido, segundo Mbembe, com base em um campo biológico, tendo controle sobre ele. “Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de uma cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) ‘racismo.’” (MBEMBE, 2018, p. 17), que, como afirma o autor, regula a distribuição de morte na economia do biopoder.

A soberania, que Mbembe especifica como o direito de matar, é exercida pelas pessoas que arquitetaram a tentativa de extermínio da humanidade na obra de Pepetela. Esse grupo acreditava na superioridade da raça branca “pura” e possuía uma visão estereotipada e racista em relação aos que não se enquadravam nessa categoria. Mbembe expõe que o poder constantemente se refere a uma concepção ficcional do inimigo, além de a produzir. O grupo que desenvolveu o projeto decidiu não somente deter o poder para si, como também eliminar todos os que consideravam inferiores: “teremos domínio absoluto sobre o mundo inteiro e *podemos portanto eliminar quem quisermos, com a maior das facilidades.* (PEPETELA, 2019, p. 317, grifos do autor).

No processo de construção desse outro como inimigo, a violência é um aspecto a ser considerado em relação às representações feitas sobre o

continente africano, colocado, muitas vezes, em uma condição periférica se comparado a outros continentes do mundo, como o europeu. Pureza (2013, p. 207) indica que “a condição periférica não é apenas uma condição material, socioeconômica. É também um estatuto de subalternidade ou mesmo de invisibilidade.” Essa periferia é representada, em muitos casos, como um espaço de ameaça e de caos, sendo “[...] um dispositivo discursivo de legitimação de outras violências” (PUREZA, 2013, p. 204). O professor ainda aborda que essa condição periférica no sistema-mundo é alvo de uma violência dupla, isto é, “a da representação que dela é feita e a das respostas que essa representação legitima.” (PUREZA, 2013, p. 204).

A África, muitas vezes, é representada como um lugar de subdesenvolvimento, de caos e de ameaça, e a resposta a essa representação é a construção dos africanos como inimigos, considerados inferiores, não desenvolvidos, ou seja, perspectivas repletas de estereótipos, como discutido anteriormente. A pouca importância que deram para a África, até no momento de ativação do Feixe Gama Alfa, foi o que provavelmente suscitou sobreviventes na região de Calpe, os julgados “inimigos”. Ademais, Simba Ukolo foi quem leu, para os demais, a carta que explicava o plano de extermínio e, ao terminar a leitura, o trecho que se segue é:

Ficaram todos calados, contemplando a belíssima avenida à frente dos seus olhos, *Unter den Linden*. Talvez fosse uma coincidência raríssima na História, mas estavam relativamente perto do sítio onde Hitler e os últimos chefes nazis tinham acabado os seus dias, pois o célebre bunker do suicídio era nas imediações. E ouviam na voz um pouco nasalada e muito perturbada de Ukolo as confissões de um nazi dos novos tempos, tentando perpetrar uma ideologia já uma vez negada pela humanidade. (PEPETELA, 2019, p. 320)

A obra de Pepetela também traça um paralelo com as concepções

nazistas na figura do escritor da carta, como a crença de que existia uma raça superior e de que a sociedade deveria ser “purificada” de sujeitos indesejáveis, como ocorreu no Holocausto. Mbembe (2018), baseando-se no trabalho de Enzo Traverso, expõe que a execução em série que ocorreu nas câmaras de gás foi um processo, em parte, facilitado pelos estereótipos racistas e pelo crescimento de um racismo de classe. Este, “ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos racistas, acabou comparando as classes trabalhadoras e o ‘povo apátrida’ do mundo industrial aos ‘selvagens’ do mundo colonial.” (MBEMBE, 2018, p. 21).

Em semelhante perspectiva, as pessoas que objetivaram o aniquilamento quase completo da humanidade também se basearam em estereótipos racistas, partindo da concepção de soberania de uma raça. Como afirma Mbembe (2018, p. 19-20), “a percepção da existência do Outro como um atentado contra a minha vida, [...] cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança, é este, penso eu, um dos muitos imaginários da soberania.” No contexto de *O quase fim do mundo*, as perspectivas eugenistas que basearam a operação Noé são subvertidas pela falha do projeto e pelo fato de os sobreviventes serem exatamente aqueles a quem se queria exterminar, os que deveriam desaparecer.

Considerações finais

A obra *O quase fim do mundo* apresenta elementos que reforçam noções imperialistas e colonialistas que observamos, sobretudo, através da carta deixada em Berlim por uma das pessoas que arquitetaram o projeto de extermínio de quase toda a humanidade. O escritor retoma e reforça um “olhar imperial” sobre os que não se enquadram na categoria de raça branca “pura”. Exploramos como esses “outros” são vistos, com base em uma perspectiva estereotipada, como sendo inferiores, subdesenvolvidos, amaldiçoados e primitivos. Esses aspectos, do ponto de vista do grupo de brancos “puros”, podem fazer referência a todos os que não são julgados

nessa categoria de pureza. No entanto, os sobreviventes, exceto Janet, são africanos, o que subverte as noções imperialistas e colonialistas presentes na carta.

As concepções essencializadas são construções equivocadas e reduzidas que refletem um desconhecimento do próprio continente africano, como investigamos tendo como base as formulações de Hernandez, e que resultam em uma oposição polarizada entre “pureza racial” e aqueles que a poluem, presente na base do projeto de extermínio e analisada com base em Hall. O sociólogo ainda explora as definições de estereótipo, que fixa a diferença e estabelece uma cisão entre o que (ou quem) é entendido como “normal” e “aceitável” e o que (ou quem) é diferente e não “aceitável”. O grupo que desenvolveu o plano de aniquilamento acreditava estar fazendo um favor à humanidade, em uma noção deturpada de “salvação” da raça pura, verdadeira e civilizada, que era a branca. Entretanto, esse grupo e mais os dez mil escolhidos para entrarem na gruta revestida de amianto desaparecem, dando fim aos que eram compreendidos como os brancos “puros”, subvertendo a ideia de superioridade de uma única raça.

A construção da figura do inimigo também se relaciona aos estereótipos. O grupo que se considerava como brancos “puros” enxergava os outros, que não se encaixavam nessa categoria de pureza, como inferiores e como uma ameaça ao desenvolvimento da humanidade. Como analisamos por meio dos estudos de Mbembe, o diálogo com esses inimigos não é possível ou desejável, só restando aniquilá-los, como tentou o grupo de puros “brancos” na narrativa de Pepetela. Eles se viam como superiores e acreditavam deter o poder de decidir quem iria viver, ou seja, aqueles que se enquadravam na categoria de “pureza”, e os que iriam morrer, isto é, o restante da população, destacando-se os africanos, judeus, árabes e mestiços, sendo essa a expressão máxima de soberania, como analisamos com base em Mbembe.

A narrativa analisada contrapõe a disposição de quem detém o

poder e dos estereótipos construídos acerca da África, com uma narrativa que parte da perspectiva de personagens africanos, que são complexos e heterogêneos, e das experiências que possuem. O quase fim do mundo, evento que possibilita diversas análises, como explorado ao longo deste trabalho, é contado por múltiplas vozes narrativas. A obra de Pepetela constrói novos sentidos ao propor diferentes representações acerca de África e de seus povos, que não partem de visões estereotipadas.

Referências

DI CESARE, Donatella. *Estrangeiros residentes: uma filosofia da migração*. Tradução de Cézár Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

ECO, Umberto. Construir o inimigo. In: _____. *O inimigo e outros escritos ocasionais*. Tradução de Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Gradiva, 2011. p. 11-35.

HALL, Stuart. O espetáculo do “outro”. In: _____. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. p. 139-231.

HERNANDEZ, Leila Leite. O olhar imperial e a invenção da África. In: _____. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 17-33.

MBEMBE, Achille. A sociedade de inimizade. In: _____. *Políticas da inimizade*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017. p. 71-105.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

PEPETELA. *O quase fim do mundo*. São Paulo: Kapulana, 2019.

PUREZA, José Manuel. *A turbulência das zonas de fronteira: estereótipos,*

representações e violências reais. In: RIBEIRO, António Sousa (Org.). *Representações da violência*. Coimbra: Almedina, 2013. p. 201-211.

RIBEIRO, António Sousa. A representação da violência e a violência da representação. In: _____ (org.). *Representações da violência*. Coimbra: Almedina, 2013, p. 7-34.

SANTOS, Donizeth. O quase fim do mundo, de Pepetela: um alerta para a humanidade. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Universidade Estadual de Maringá, v. 33, n. 1, p. 151-152, 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647019>. Acesso: 7 maio 2023.

“The most despised of places, Africa, is what ends up guarding life”: the subversion of stereotypes and the figure of the enemy in O quase fim do mundo, by Pepetela

Abstract: The book O quase fim do mundo (2008), by Pepetela, presents the attempt to exterminate life on Earth through a project architected by a group that considered themselves as “pure” whites and those who did not fit into this category of purity were seen as a threat to the development of humanity. However, the plan does not have the expected result and the only survivors are mostly Africans. From this, the objective of this work is to analyze how Pepetela’s book subverts the notion of a “pure race” and the superiority of the West, which rescues colonialist and imperialist conceptions. In addition, we seek to investigate the construction of stereotypes about the African continent and its peoples as inferior and primitive, and how the analyzed narrative deconstructs them. We also propose to explore the construction of the African as an enemy, that is, the “non-similar”, whose communication is not possible or desirable, and how this process relates to power and sovereignty. For the analyses, we considered the works of Leila Leite Hernandez (2005), Stuart Hall (2016), Achille Mbembe (2017, 2018), Ribeiro (2013), among others.

Keywords: Africa. Stereotype. Enemy.